

RUA ALBERTO CAVALCANTI

Decreto nº 7513 de 07-12-1982

Formada pela rua 56 do Parque Jambeiro  
 Início na rua Sebastião Ignacio da Silva  
 Término na rua João Nonato Rosseti  
 Parque Jambeiro

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas José Nassif Mokarzel. Protocolado nº 26.792 de 02-09-1982 em nome do vereador Sergio Barros Barreto e Outros.

ALBERTO CAVALCANTI

Alberto de Almeida Cavalcanti nasceu em Botafogo no Rio de Janeiro, em 06-fevereiro-1897 e faleceu em Paris, em 23-agosto-1982. Alberto Cavalcanti deixou o Brasil aos 13 anos, para estudar na Suíça. Na Europa, envolveu-se com um grupo de artistas que iniciavam o movimento denominado "Avant Garde", realizou mais de 100 filmes na França, Itália e Inglaterra, onde fundou a "Escola de Documentaristas" durante a 2a. Guerra Mundial. Em 1952, no Brasil, em meio à produção de "Ângela", desentendeu-se com os diretores da companhia e retirou-se da empresa, sem concluir o trabalho. Queria deixar o Brasil, mas, atendendo a um apelo de intelectuais, resolveu ficar. Na Companhia Cinematográfica Maristela, mais tarde, dirigiu a versão de "Simão, o Calho", de Galeão Coutinho. Terminado o filme, começou os preparativos para dirigir "O Canto do Mar", que seria sua penúltima fita brasileira. Em 1954, depois de fazer uma comédia "A Mulher de Verdade", voltou à Europa. Em 1975, aos 78 anos de idade, Alberto Cavalcanti retornou ao Brasil, desta vez com a intenção de ficar para sempre. Porém, depois de uma temporada de três anos, em que se envolveu com as inúmeras dificuldades de produção do filme "Antonio José, o Judeu", Alberto Cavalcanti se desiludiu completamente de seu país e voltou para Paris, sem esconder a frustração pelo cancelamento do projeto e a revolta diante da indiferença e da burocracia da Embrafilme. De sua extensa filmografia, destacam-se estes dirigidos por Cavalcanti: "Rien Que Les Heures", "Yvette, En Rade", "Le Train Sans Yeaux", "La Jalousie du Barbouille", "Le Petit Chaperon Rouge", "Tout Sa Vie", "Dans Une Ile Perdue", "We Live in Two Worlds", "Message From Jeneve", "Cold Face", "Four Barriers", "Men of the Alps", "Champagne Charlie", "Na Solidão da Noite", "Nas Garras da Fatalidade", "O Principe Rebelde", "O Transgressor", "Herr Puntilla und Sein Knecht Matti", "Le Chateau Dans Les Carpates", "Story of Israel". O nome de Alberto Cavalcanti apareceu nos créditos de muitos outros filmes como produtor ou cenógrafo. Pediu para seu corpo ser cremado, e quando houver oportunidade, suas cinzas serem enviadas para o Rio, a fim de serem enterradas junto a seu pai e sua mãe. O historiador Georges Sadoul, em seu Dicionário de Cineastas, considerava Alberto Cavalcanti "um dos mais importantes diretores contemporâneos" assinalando "sua decisiva contribuição para o avant garde francesa, o documentarismo no cinema inglês e ao renascimento do cinema brasileiro".

*es  
Coar*



# Câmara Municipal de Campinas

Estado de São Paulo

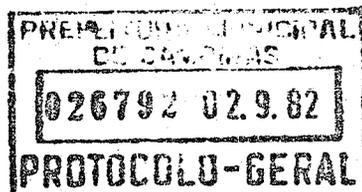
C.O.A.R

Campinas, 26 de agosto de 1982.



Exmo. Sr.

Dr. Nassif Mokarzel  
Presidente do Município de Campinas



Sr. Prefeito:

Nos termos do artigo 2º do Decreto nº 5.690, de 14 de maio de 1979, apresentamos o nome de ALBERTO CAVALCANTI para ser denominada uma via pública de nossa cidade.

Em anexo, a devida justificativa.

Atenciosamente

*[Handwritten signatures and names]*  
SÉRGIO BARROS BARRETO e outros  
Vereador



# Câmara Municipal de Campinas

Estado de São Paulo

## J U S T I F I C A T I V A



ALBERTO CAVALCANTI faleceu em Paris no último dia 23, aos 85 anos, causando grande consternação nos meios artísticos e cinematográficos, onde muito contribuiu.

Apesar de ser brasileiro, o seu grande talento foi por demais reconhecido entre os franceses, cujo país escolheu para ser a sua segunda Pátria. Chegou, inclusive, a participar do Ciclo de Filmes Experimentais, realizado em 1980, e teve o seu talento comparado ao de Abel Gance.

Era muito mais do que um profissional competente, era um ser humano voltado para todas as coisas justas e honestas.

Preocupado com novos talentos, lançou-se em um ousado projeto, trazendo da Inglaterra os mais modernos equipamentos, além de uma equipe completa, para trabalhar em São Paulo.

Segundo os mais famosos críticos, ALBERTO CAVALCANTI teve uma inestimável participação como diretor de vanguarda.

Apesar de seu talento não ter sido reconhecido entre o povo brasileiro, o mesmo nunca desistiu, e seu grande sonho era realizar grandes projetos em nossa terra.

Por todo o seu trabalho, pelo brilhantismo de sua participação nos meios artísticos e cinematográficos, consideramos mais do que justa a homenagem ora proposta.

SÉRGIO BARROS BARRETO

\* 8 DEZ 1982



DECRETO n.o. 7513 DE 07 DE DEZEMBRO DE 1.982.

DENOMINA "ALBERTO CAVALCANTI" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto - lei Complementar Estadual n.o. 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios), e

CONSIDERANDO que o artigo 8o. do Decreto n.o. 3476, de 11 de setembro de 1.969, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto n.o. 5590, de 14 de maio de 1.979, concede ao Executivo a prerrogativa de denominar próprios, vias e logradouros públicos, independentemente de manifestação da Comissão criada para opinar sobre a matéria, desde que haja indicação de Vereadores integrantes da Câmara Municipal;

CONSIDERANDO existir indicação nos termos do referido diploma legal;

CONSIDERANDO que aos membros do Legislativo cabe a honrosa tarefa de colaborar com o Executivo na indicação de nomes de próprios, vias e logradouros públicos e que o seu juicioso critério de escolha é acatado pelo Executivo sem restrições,

DECRETA:

Artigo 1o. - Fica denominada "RUA ALBERTO CAVALCANTI" a Rua 56 do Parque Jatobeiro, com início na Rua 51 e término na Rua 34 do mesmo loteamento.

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 07 de Dezembro de 1.982.

DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL  
Prefeito Municipal

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO  
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. ISTAMIR SERAFIM  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico - Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do Protocolado n.o. 26792, de 02 de setembro de 1.982, por indicação do Vereador Sérgio Barros Barreto e Outros, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em, 07 de Dezembro de 1.982.

LUIZ CARLOS MOKARZEL  
Secretário - Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA ALBERTO CAVALCANTI

(Decreto nº 7513 de 07-dezembro-1982)



## MORRE EM PARIS O CINEASTA ALBERTO CAVALCANTI

PARIS (AFP-FT) — O cineasta brasileiro Alberto de Almeida Cavalcanti morreu ontem em Paris, aos 85 anos de idade.

Cavalcanti foi uma das grandes figuras do cinema internacional tendo grande importância particularmente como animador da vanguarda francesa nos anos vinte, junto com Marcel L'Herbier e Jean Renoir.

Foi amigo e companheiro de John Grierson, lançando-se à fascinante aventura que constituiu a história do cinema, lançando o documentário realista durante os anos 30 e 40 na Inglaterra.

Regressou em seguida ao Brasil, onde colaborou com o desenvolvimento do cinema.

Alberto Cavalcanti foi realmente um dos grandes nomes do cinema mundial que, curiosamente, era pouco prestigiado nos meios cinematográficos brasileiros. Nasceu no Rio de Janeiro em 1897 e, ainda

jovem seguiu para a Europa, onde cursava Direito e Arquitetura, na Suíça. Abandonou os dois cursos, fascinado pela recente evolução do cinema que, na década de 20, era praticado por um grupo de intelectuais e artistas vanguardistas de Paris. Cavalcanti juntou-se a eles e participou de várias experiências pioneiras do cinema, ao lado de Marcel L'Herbier, Louis Delluc e vários outros.

Em 1926 dirige "O Trem sem Olhos" e "Apenas as Horas". Este último veio a revolucionar a concepção de cinema da época, lançando um novo gênero, que mais tarde ficou conhecido como "documentário". Ele jamais aceitou a classificação de sua criação como "documentário", pois argumentava tratar-se de um cinema surrealista, enquanto os críticos insistiam na caracterização realista para sua criação.

Durante a Segunda Guerra Mundial foi

convidado por John Grierson para realizar documentários para o Conselho Geral Britânico, onde trabalhou até o final dos anos 40, retornando ao Brasil. Aqui foi convidado para dirigir a Cia. Vera Cruz e elaborou vários projetos importantes para a evolução do cinema brasileiro. Nesse período enfrentou várias dificuldades devido à incompreensão de empresários e autoridades ligadas à área de cinema. Conseguiu todavia ainda filmar "O Canto do Mar", considerada um de seus mais belos filmes. Na década de 50, desgostoso com suas experiências no Brasil, retornou à Europa, projetando filmar "O sr. Puntilla e seu Criado Matti", de Bertold Brecht. Regressou novamente ao Brasil e não conseguiu, mais uma vez, entender-se com os administradores da Embrafilme.

No início deste ano ele desabafava: "Quando chegar a minha hora, quero ser sepultado em Paris".

(Recorte do jornal "Folha da Tarde", de São Paulo,  
do dia 24-agosto-1982. Falecimento ocorrido no dia  
23-agosto-1982)

RUA ALBERTO CAVALCANTI

(Decreto nº 7513 de 07-12 -1982)

*Em Paris, aos 83 anos*

## Morre o cineasta Alberto Cavalcante

O brasileiro Alberto Cavalcante, considerado um dos mais importantes cineastas de todo o mundo, faleceu ontem, em Paris, aos 83 anos. Cavalcante, o cineasta brasileiro menos conhecido do País, apesar de sua contribuição à própria história dessa arte, nasceu em Botafogo, Rio de Janeiro, no dia seis de fevereiro de 1897, mas deixou o Brasil aos 13 anos, para estudar na Suíça.

Na Europa, envolveu-se com um grupo de artistas que iniciavam o movimento denominado "Avant Garde", realizou mais de 100 filmes na França, Itália e Inglaterra, onde fundou a "Escola de Documentaristas", durante a 2ª Guerra Mundial.

Em 1952, em meio à produção de "Ângela", desentendeu-se com os diretores da companhia e retirou-se da empresa, sem concluir o trabalho. Queria deixar o Brasil, mas, atendendo a um apelo de intelectuais, resolveu ficar. Na Companhia Cinematográfica Maristela, mais tarde, dirigiu a versão de "Simão, o Coelho", de Galeão Coutinho. Terminado o filme, começou os preparativos para dirigir "O Canto do Mar", que seria sua penúltima fita brasileira. Em 1954, depois de fazer uma comédia, "A Mulher de Verdade", voltou à Europa.

### **Volta**

Em 1975, aos 78 anos de idade, Alberto Cavalcante retornou ao Brasil, desta vez com a intenção de ficar para sempre:

"Estou felicíssimo por voltar", disse na época. "Quero me colocar à disposição dos estudantes e mocidade de minha terra. Durante a vida inteira ensinei e aprendi. Minha experiência talvez possa ajudá-los".

Mas, depois de uma temporada de três anos, em que se envolveu com as inúmeras dificuldades de produção do filme "Antonio José, o Judeu", Alberto Cavalcante se desiludiu completamente de seu País e voltou para Paris, sem esconder a frustração pelo cancelamento do projeto e a revolta diante da indiferença e da burocracia na Embrafilme.

Antes de partir de volta a Paris, Cavalcante disse que, apesar de velho (estava com 83 anos, então), se sentia inteiramente disposto, física e intelectualmente, para trabalhar e, naquela altura ficaria à disposição de quem quisesse lembrar de seu nome. À partida, fez o seguinte comentário sobre o cinema nacional:

"O cinema brasileiro, infelizmente, continua engatinhando e boa parte dos que se dizem diretores de cinema não conhece o ofício. Repito o que disse nas vezes anteriores: o nosso som é lamentável e os roteiros são infames. A pornochanchada não acrescenta mais nada e estamos todos saturados dela. Precisamos de grandes produções e de talento. Há esforços independentes e bem-sucedidos como "Gaijin" que podem indicar um caminho novo".

(Recorte extraído do jornal "Correio Popular", secção de "Artes", do dia 24-agosto-1982)

ALBERTO CAVALCANTI

# Chega ao fim o exílio de Alberto Cavalcanti



Alberto Cavalcanti



reira no cinema em quatro etapas. A primeira, dedicada ao cinema francês, com *Le Train Sans Yeux* e *Fian Que Les Meures*. A segunda etapa foi a fase entre 1937 e 1950, dos documentários e dos filmes dirigidos na Inglaterra. Em 1949-52, a fase da Vera Cruz, do cinema industrial brasileiro. E finalmente a volta à Europa, quando filmou "O Senhor Punilla e seu Criado Matti", de Bertolt Brecht, distribuído em mais de mil cópias pelos países do Leste Europeu e apenas 30 no Oeste. No Brasil, o filme nunca foi exibido comercialmente.

Diretor, assistente, cenógrafo e produtor, Cavalcanti fez de tudo um pouco no cinema, sempre atrás das câmeras. Dizia que a câmera divide o mundo de cinema em dois tipos: "A gente que fica atrás da câmera e a gente que fica sempre na frente". Afirmava não ter nenhum preconceito contra a televisão e jamais teve dificuldades em trabalhar para ela. "só no Brasil, onde as pessoas têm idéias muito estranhas e ignoram uma verdade: o cinema é a base da televisão". Para Cavalcanti o cinema brasileiro intencionalmente ainda continua engatinhando e a boa parte dos que se dizem diretores de cinema não conhece o ofício. Um ofício que ele conhecia muito bem. Foi o autor de uma obra no dizer de Georges Sadoul, onde punha toda sua sensibilidade, o sentido das realidades humanas e sociais, sua inteligência e paixão pelo cinema.

C.M.M.

para a televisão francesa. Um deles era um novo roteiro para a "A visita da Velha Senhora", de Friedrich Dürrenmatt (filmado em 64 com Ingrid Bergman) e com o dinheiro que recebesse continuaria a escrever suas memórias. No ocasião, Cavalcanti, indagação sobre a maneira como trataria o Brasil nas suas memórias, limitava-se a responder que contaria a verdade sobre sua experiência cinematográfica brasileira.

Não só a última experiência, quando trabalhou três anos na preparação do roteiro de "Antonio José da Silva, o judeu", sem receber um tostão pelo trabalho realizado, mas também suas experiências anteriores. Lembrou a época da Vera Cruz, nos anos 50, quando acabou sendo despedido sob a alegação de que era "muito caro" para o cinema brasileiro. Sobre o cinema brasileiro e sua acatitação atual no Exterior, preferiu não opinar: não tinha assistido nem "Pixote" nem "Eles Não Usam Black-Tie". Dizia não acreditar "nessa história de sucesso comercial do cinema brasileiro na Europa" pela simples razão de que são raros os filmes nacionais ali exibidos. De velha guarda do cinema francês, dizia que todos já haviam morrido, o último deles, Abel Gance, o cineasta de "Napoleón", de quem Cavalcanti foi figurinista, mas de quem se afastou quando a atriz Annabella não quis usar os costumes desenhados por ele.

Alberto Cavalcanti dividia sua car-

Seu último aniversário, em fevereiro deste ano, Alberto Cavalcanti passou em Paris, onde voltara a morar desde que, pouco mais de um ano antes, viu recusado, pela Embrafilme, seu projeto de filmar a vida de "Antonio José da Silva, O Judeu", numa co-produção lusobrasileira. A nosso correspondente, Reah Junior, que o entrevistou na época e lhe garantiu que o Brasil não o havia esquecido e reconhecia sua importância, respondeu com ironia: "Estão pensando na minha morte". Mostrava-se lúcido, embora caminhando com uma certa dificuldade, passando os dias redigindo suas memórias, em outras ocasiões indo ao cinema e almoçando diariamente no bistrô da esquina.

Ele havia voltado do Brasil depois de três anos preparando o roteiro do filme sobre Antonio José da Silva, que pretendia realizar e seria o coroamento de toda sua obra, iniciada na Europa na década de 20, como decorador num estúdio de Paris. Aos 24 anos, dirigiu o primeiro filme, *Trains Sans Yeux*. Cavalcanti não acreditava em produções baratas e desconfiava de quem fizesse em economia - a Embrafilme achou o projeto caro demais e negou o financiamento. "Os produtores comem tudo", disse, referindo-se ao fato de nunca ter recebido direitos sobre as dezenas de filmes que realizou. Levava uma vida modesta no seu cantinho parisiense de Villa Dufresnes, no 16º distrito de Paris, enquanto realizava alguns trabalhos

(Extraído do jornal "O Estado de S. Paulo" de  
24 agosto-1982)

ALBERTO CAVALCANTI



## Importância para o cinema mundial

CARLOS M. MÓTTA

O historiador Georges Sadoul, em seu Dicionário de Cineastas, o considerava "um dos mais importantes diretores contemporâneos", assinalando "sua decisiva contribuição para a avant garde francesa (1925-1930), o documentarismo no cinema inglês (35-45) e ao renascimento do cinema brasileiro" (49-52, quando foi supervisor da produção dos estúdios da Vera Cruz, começando com "Catçara", de Adolfo Celi). Alberto Cavalcanti foi o primeiro cineasta brasileiro a conquistar renome internacional. O único a ser uma espécie de divisor de águas, a ter importância essencial, decisiva, em fases, escolas ou movimentos determinadores, a ni-

vel universal, na evolução da criação cinematográfica.

Além de Chaplin e Hitchcock, a maioria dos cineastas, ao contrário dos artistas de televisão hoje e os grandes astros do cinema, não são conhecidos do público. E Cavalcanti não era um nome familiar ao grande público. Alguns talvez saibam que ele voltou ao Brasil em 49 e assumiu posto importante na Vera Cruz, dali saiu para fazer os próprios filmes e depois deixar o País, desiludido. Anos mais tarde voltou e novamente partiu, outra vez desiludido. Pouca gente viu os raros filmes de sua fase inglesa que passaram em nossos cinemas: "48 horas", "Nas Garras da Fatalidade", "O Príncipe Regente", "O Transgressor" e "Na Solidão da Noite" onde dirigia dois episo-

dios. Menos ainda viram "O Tio da América", título que aqui recebeu Le Truc du Brasilien, feito na França em 1932. Quem lembra desse filme? Talvez poucas pessoas mais tenham visto, só pela televisão, "A Primeira Noite" rodado em Veneza, em 57, com Vittorio De Sica e Martine Carol. E só poucos puderam assistir sem legendas, no II Festival Internacional do Filme do Rio de Janeiro, em 69, a Her Puntilla und Sein Kinetch Matti (Her Puntilla e Seu Criado Matti), feito na Austria que Bertholt Brecht considerava a melhor adaptação de obra sua ao cinema. Tudo isso faz muito tempo e pouca gente gosta de coisas antigas. Por isso Alberto Cavalcanti ainda está para ser descoberto pelas gerações brasileiras nos anos 60, 70 e destes perigosos 80.

("O Estado de S. Paulo" de 24-agosto-1982)

## ALBERTO CAVALCANTI

O cineasta brasileiro Alberto de Almeida Cavalcanti — talvez mais conhecido na Europa que no Brasil — morreu às dez horas da manhã de ontem em Paris, na Clínica de Saúde da Rue de Passy. Cavalcanti — que vivia em Paris há mais de um ano — estava doente há quatro meses, com problemas que se sucediam. O último mal que atingiu o diretor de "Simão, o Caolho" foi uma crise cardíaca. Sua doença, segundo o dedicado amigo Jean-François Mahu, era mesmo valhice: "De uns tempos para cá, Cavalcanti andava fraco, e seu coração falhava. Mas, afinal, ele tinha 55 anos de uma vida riquíssima".

Poucas pessoas puderam ser avisadas da morte do cineasta, já que as férias de agosto levam a maioria dos parisienses para fora da cidade. Assim, amigos de Cavalcanti, como o artista plástico brasileiro Arthur de Toledo Pisa ou a teatróloga francesa Jeannie Worms, não foram encontrados ontem. Quem tomou as providências relativas à morte do cineasta foi Jean-François Mahu, amigo de Cavalcanti há mais de 50 anos. É também quem fará cumprir as suas últimas vontades: "Ele não queria nenhuma manifestação ou cerimônia fúnebre. Como pediu, será cremado na próxima quinta-feira no cemitério Père Lachaise. Quando houver oportunidade, suas cinzas serão enviadas ao Rio de Janeiro, para enterrá-las junto a seu pai e sua mãe".

Stella Luzzi de Barros, especial para  
O Estado



## Filmografia

Alberto Cavalcanti dirigiu mais de 50 filmes e seu nome apareceu nos créditos de muitos outros como produtor ou cenógrafo. Esta é a relação das fitas em que ele foi apenas o diretor:

- 1926 — Rien Que Les Heures.
- 1927 — Yvette, En Rade.
- 1928 — Le Train Sans Veaux, La P'tite Lillie
- 1929 — La Jalouse du Barbouille, Le Capitaine Fracasse, Le Petit Chaperon Rouge, Vous Verrez a Semaine Prochaine.
- 1930 — Tout Sa Vie, "A Canção do Berço"
- 1931 — Victory, A Mi-Chemin du Ciel, Les Vacances du Diable, Dans Une Ile Perdue.
- 1932 — Revue Montmartroise, Nous Ne Ferons Jamais de Cinema, Le Mari Garçon.
- 1933 — Coralle et Cie, Plaisirs Défendus, Tout de Chant
- 1934 — Pert and Pot, New Rates, Line to Tcherva Hut, We Live in Two Worlds.
- 1935 — Who Writes to Switzerland, Message From Jeneve.
- 1936 — Cold Face.
- 1937 — Four Barriers
- 1938 — Men of the Alps
- 1939 — Midsummer's Day's Work.
- 1941 — Yellow Caesar
- 1942 — Alice in Switzerland, "48 Horas"
- 1943 — Waterlight
- 1944 — Champagne Charlie.
- 1945 — "Na Solidão da Noite".
- 1946 — Nicholas Nickleby
- 1947 — "Nas Garras da Fatalidade", "O Principe Rebelde"
- 1948 — "O Transgressor"
- 1952 — "Simão, o Capito"
- 1954 — "Mulher de Verdade", "O Canto do Mar"
- 1956 — Herr Puntilla und Sein Knecht Matti.
- 1957 — Le Chateau Dans Les Carpates.
- 1959 — Les Noces Venetiennes (inacabado).
- 1961 — The Monster of Highgate Ponds.
- 1967 — Story of Israel: Thus Spake Theodor Herz

Além destes trabalhos, há outros que Alberto Cavalcanti realizou mas que não constam de filmografias. No período de 1934 a 1941 permaneceu no Departamento de Cinema do Serviço de Documentações da Casa Brasileira (C. P. S.). E a partir de 1946 voltou a trabalhar onde escreveu, dirigiu e produziu inúmeros filmes para a televisão.

("O Estado de S. Paulo" de 24. agosto. 1982)